

# PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

## Núcleo de História Oral

### FICHA TÉCNICA

**Código da entrevista:** VR-HT-OP-018 A / B

**Entrevistado:** Antônio André da Luz

**Local da entrevista:** Sede da EMVIDEO: Rua Sertões, 147 – Belo Horizonte

**Data da entrevista:** 22/03/2007

**Horário da entrevista:** 15h

**Duração da entrevista:** Tempo total: 1h46min14seg –

DVD / A: 1h02min30seg – DVD / B: 43min44seg

#### **Equipe do Vale Registrar / História Oral:**

**Supervisão:** Jason Barroso Santa Rosa

**Subcoordenação:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

**Entrevistadores:** Elodia Honse Lebourg, Bernardo Alves de Brito Andrade (monitor). Intervenção: Jason Barroso Santa Rosa

#### **Gravação da entrevista:**

**Coordenação:** Bellini Andrade (EMVIDEO)

**Produção:** Mateus Brandão (EMVIDEO)

**Câmera:** Bellini Andrade (EMVIDEO)

**Equipamento utilizado:** Câmera digital MiniDV

**Transcrição:** Bernardo Alves de Brito Andrade

**Data da transcrição:** 04/04/2007

**Conferência de fidelidade:** Elodia Honse Lebourg

**Data da conferência:** 14/04/2007

**Pesquisa para notas de rodapé:** Elodia Honse Lebourg

**Copidesque:** Maria Angélica Vieira Bonome

**[Início da entrevista]**

**[DVD A]**

**Elodia Lebourg** – Boa tarde.

**Antônio Luz** – Boa tarde.

**Elodia Lebourg** – Eu queria começar com o senhor dizendo seu nome completo.

**Antônio Luz** – Meu nome é Antônio André da Luz.

**Elodia Lebourg** – Quando e onde o senhor nasceu?

**Antônio Luz** – Eu nasci em Furquim, Mariana, no dia 4 de fevereiro de 1915. Eu costumo dizer o seguinte: eu fui gerado em Acaiaca<sup>1</sup> e nasci em Furquim, porque minha mãe ficou grávida em Acaiaca, onde papai morava. Depois veio para Furquim, talvez por causa da festa de fim de ano. Ficou e eu nasci em 4 de fevereiro de 1915.

**Elodia Lebourg** – Mas então vocês não moravam em Furquim?

**Antônio Luz** – Moravam em Acaiaca minha mãe e meu pai.

**Elodia Lebourg** – Ela foi para uma festa e o senhor nasceu?

**Antônio Luz** – Nasci. Lá já era terra dela e eu lá fiquei. Criado em Furquim. Nasceram mais duas irmãs, duas irmãs só. Minha mãe morreu no parto da última. Aos quatro dias de nascimento da minha irmã mais nova a minha mãe morreu. Eu fui criado com minha avó, Maria do Rosário da Luz, mãe do papai. Ah, [inaudível]. Minha mãe era costureira também e papai, alfaiate. Ele era músico, depois passou a ser mestre de banda de música e por aí foi, anos e anos como mestre da banda, mestre de cantoria e banda, ensinava alunos. Depois de moço, eu também tive alguns alunos de música. Hoje eu tenho que aprender música, não sei mais. [riso]

**Elodia Lebourg** – Qual era o nome dos seus pais?

**Antônio Luz** – João Jacinto da Luz, conhecido por João Crescêncio, porque o pai era Antônio Crescêncio, então ele era João Crescêncio. Falava João Crescêncio era João Jacinto da Luz. Mas tinha que ser João Jacinto, porque ele foi juiz de paz por muitos anos. Então tinha que ter o nome certo, não é?

**Elodia Lebourg** – Essa banda era de Acaiaca?

**Antônio Luz** – Como?

---

<sup>1</sup> Município de Minas Gerais.

**Elodia Lebourg** – A banda da qual seu pai era músico.

**Antônio Luz** – Não. Furquim mesmo.

**Elodia Lebourg** – Qual é o nome dessa banda?

**Antônio Luz** – Nossa Senhora da Conceição. Continua o mesmo nome ainda, até hoje. Papai foi mestre da banda por muitos anos. Depois foi o Senhor Manoel André Pinheiro que era professor de Português, em Furquim. Papai lecionava música para os rapazes e para as moças também, cantoria. Então era organizadinha a cantoria, tinha uma orquestra boa. Eu me lembro da primeira missa do Monsenhor Rafael Arcanjo Coelho. A missa foi escrita por ele, e cantada por papai e por seus alunos, em Furquim. Na ocasião, eu era moço ainda, mais novo, e cantava também. Depois a voz foi engrossando, mudando, e eu passei só a tocar. Toquei vários instrumentos. Toquei requinta, porque o requintista de lá, Senhor Joaquim Vicente do Carmo, escrivão, tinha dia em que ele estava ocupado e não podia comparecer para tocar. Eu não gostava de tocar requinta, mas, como eu tocava bem clarineta, passei a tocar requinta. A mesma coisa aconteceu na Conferência de São Vicente de Paula<sup>2</sup>: muitas vezes o Senhor [Niquim]<sup>3</sup> – era conhecido por [Niquim]<sup>4</sup> –, escrivão de lá, Senhor Joaquim Vicente do Carmo, não podia comparecer. Eu era confrade, substituía na secretaria, na presidência da Conferência, sem muito... Não tinha aquele traquejo, mas tinha boa vontade, valia. Hoje eu vejo que fiz muita coisa errada. Mas por aí eu fui. Fiz o terceiro ano do Primário só, acabei sendo auxiliar da professora, Dona Maria Madalena Ferreira. E na Conferência, depois da Conferência, depois de moço, entrei para a estrada... Casei-me. Depois de casado, entrei para a Estrada de Ferro<sup>5</sup>. Depois me tornei maçom: em 12 de setembro de 1950 entrei para a Maçonaria, em Itabirito<sup>6</sup>. Minha avó morava em Ouro Preto e eu cheguei a ser o Venerável da Loja<sup>7</sup> de Ouro Preto, que era composta por elementos de prestígio, doutor [inaudível] Pereira, Toledo Toffolo, várias pessoas. Vim para Belo Horizonte<sup>8</sup>, freqüentando a Loja em que estava, depois outras Lojas. Veio uma Loja aqui, [inaudível] da Silva,

---

<sup>2</sup> Constituída por grupos de católicos vicentinos que se reúnem para discutir assuntos religiosos e sociais e para praticar ações de caridade.

<sup>3</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

<sup>4</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

<sup>5</sup> Estrada de Ferro Central do Brasil.

<sup>6</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>7</sup> Espécie de líder de uma Loja Maçônica.

<sup>8</sup> Capital de Minas Gerais.

abriu uma Loja – fui Venerável nessa Loja, [inaudível]. Conheço pouco de Maçonaria, mas sou maçom. Muitos confundem catolicismo com Maçonaria. Eu sou católico e sou maçom. Entre uma coisa e outra não há... É só que nós acreditamos assim no Grande Arquiteto do Universo, que é Deus, que é mesmo. Ele criou, não é? [inaudível]. É só essa diferença. O resto, cada qual com a sua [inaudível], sua obrigação religiosa, conforme seu entendimento e cultura, educação, influi muito [inaudível]. Aí me casei em 1940. Em 31 de julho de 1940 foi o meu casamento com a Dona Áurea<sup>9</sup> – uma fábrica de filhos, não é? [riso] Porque 11 filhos não é brincadeira, não é? [risos]

**Elodia Lebourg** – Foram 11 filhos?

**Antônio Luz** – Onze filhos.

**Elodia Lebourg** – O senhor conheceu Dona Áurea em Belo Horizonte ou em Furquim?

**Antônio Luz** – Em Furquim mesmo. Ela é de... Hoje é Diogo de Vasconcelos, mas era São Domingos, distrito de Mariana. De uma família de tradição também, Oliveira e Souza. Ela é filha do Senhor [inaudível] Oliveira e Souza. Tinha Adão de Oliveira e Souza, farmacêutico; Senhor Oscar de Oliveira e Souza, fazendeiro. O pai morreu, a mãe dela foi para Furquim. Outra família também de tradição, [família Guedes]<sup>10</sup>. É uma família também de tradição, [família Guedes]<sup>11</sup>. E para nossa família, a única coisa a que visei foi o seguinte: eu não pude me formar, não consegui ser formado, mas todos os filhos teriam que estudar. E eles conseguiram. Os mais velhos são todos engenheiros: engenheiro Newton Reis de Oliveira Luz; Paulo de Oliveira Luz; Ivan de Oliveira Luz, esse que veio aqui<sup>12</sup>, engenheiro também. Os outros já foram técnicos: Antônio Furquim de Oliveira Luz é técnico; Edson de Oliveira Luz era técnico também. Falecido. Casou-se, houve um desquite lá com a mulher dele, casou-se pela segunda vez. Constituiu uma família... Da primeira família tem um filho já moço. Ele conseguiu comprar apartamento, carro e tudo para a primeira mulher. Para a segunda a mesma coisa: a mulher tem apartamento, tem carro, tem tudo que ele deixou. Morreu. Eu chegava a pedir a Deus para me levar no lugar do filho que era forte, com saúde, com família,

---

<sup>9</sup> Áurea de Oliveira Luz.

<sup>10</sup> Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

<sup>11</sup> Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

<sup>12</sup> Refere-se ao filho que o acompanhou durante a gravação da entrevista.

começando a criar família. Eu, já velho, poderia morrer perfeitamente. Mas quis Deus que fosse ele. Outro que perdi mais novo, João Batista de Oliveira Luz, era alegre, comunicativo, muito caridoso. Trabalhava na [NUCLEBRÁS]<sup>13</sup>, na [inaudível]. Ele bebia um pouco. Eu tinha receio de que a bebida o prejudicasse até a hora... Um acidente de carro, uma coisa qualquer que matasse uma pessoa, ficar criminoso... Sempre recomendava para ter cuidado com a bebida, porque é muito perigoso. Mas viajava com ele, tudo bem. Bebia, brincava. Eu tenho a fotografia dele. Até hoje eu não sinto que ele morreu, de tanta afeição que a gente tinha um pelo outro, não é? A simplicidade dele. Conforme foi vontade de Deus, morreu solteiro. Os outros estão aí, nove estão aí, netos, bisnetos, bisnetas, bisneta.

**Jason Santa Rosa** – E filhas? O senhor tem filhas?

**Antônio Luz** – Hein?

**Jason Santa Rosa** – Filhas mulheres?

**Antônio Luz** – Filhas? Tenho. Seis homens e cinco moças.

**Jason Santa Rosa** – O senhor não falou das moças!

**Antônio Luz** – [risos] [inaudível] A mais velha é casada com um engenheiro técnico, Antônio Andrade Moreira, o Totonho do Cavaquinho, muito conhecido por aí. Faleceu em Belo Horizonte. A segunda é casada com um rapaz que mexe com mineração em Ouro Preto, José Geraldo Turpino, família Turpino, italiano. A terceira é casada com polonês, mora na Flórida. Está aqui comigo e vai embora para lá amanhã. Essa não tem filho. Nem sei quem ela puxou da família! É uma pessoa de um gênio! Um temperamento expansivo e social, simples, enérgica também, faz amizade com todo mundo. Para o casamento então... Esse casamento de mineira na Flórida, ela: “Casa com fulano, ele é um bom rapaz e tal”, [inaudível] namora outro, também outro casamento; as moças têm casado lá [inaudível]. A outra é solteira, Stela D’Áurea de Oliveira Luz. Mora no apartamento dela mesma. E tem a Maria Aparecida que é a caçula. Casou-se na família Habib, Paulo Habib, o sobrinho dele é [inaudível] de Godoy Júnior. Ela tem dois filhos que já são estudantes: um de Engenharia; o outro agora vai fazer vestibular não sei se para Medicina ou Farmácia. E eu não sei bem o motivo... Apesar de dar liberdade e tudo que eu tenho com os dois, mas não consegui, nunca tive o entendimento deles. São amigos até hoje,

---

<sup>13</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

mas se separaram, desquitaram. Passados alguns anos, ele se casou com uma moça em São Paulo<sup>14</sup> e tem uma filhinha. Mas tem amizade com a mulher e minha filha a mesma coisa, também ela tem amizade com a família dele e a dele com a minha. A atual senhora dele já esteve aí, almoçamos juntos em um restaurante na Pampulha<sup>15</sup>; minha filha Maria Aparecida era dona do restaurante. Almoçamos juntos, quer dizer, uma ex-mulher, uma ex-esposa com a outra esposa. Ele é engenheiro, está trabalhando atualmente na Serra do Navio<sup>16</sup>. E ela [inaudível] os dois filhos, teve o restaurante na Pampulha, mexe com o movimento de refeições, festas sociais. A Maria Aparecida tem uma personalidade forte, mais para o lado da minha mulher, com quem ela parece um pouco mais, mas alegre, positiva, festeira, boa para negócios. A Stela, essa que ficou solteira, gosta de trabalhar na Paulo Habib<sup>17</sup>. Paulo Habib não. NUCLEBRÁS<sup>18</sup>. É bem conceituada lá, gosta muito de desenho, promove festas também, mas é mais reservada, de um gênio mais escrupuloso. Aí o resumo da minha família. Ficamos bem, alegres, satisfeitos, quando nos encontramos, conto piada, escuto. Eu costumo dizer que sou protetor das mulheres, sejam brancas, pretas, novas, velhas, estou sempre ajudando. E tenho sido feliz, graças a Deus!

**Elodia Lebourg** – Senhor Antônio, eu queria perguntar um pouco sobre a ferrovia.

**Antônio Luz** – Ferrovia. Mudei de assunto...

**Elodia Lebourg** – Sobre o seu trabalho na ferrovia. Foi o seu primeiro emprego?

**Antônio Luz** – Foi. Primeiro e único emprego.

**Elodia Lebourg** – Como o senhor conseguiu entrar para a ferrovia? Que cargo o senhor ocupou?

**Antônio Luz** – Eu servi no Exército em 1936. Fiz um curso de telefonista, [inaudível]. Então, tive que aprender sinal de datilografia e tudo [inaudível], por causa do curso de sinalismo. Com isso, eu já tinha praticado um pouco de estrada de ferro. Não, não tinha praticado, não. Já tinha praticado um pouco de

---

<sup>14</sup> Capital do estado de mesmo nome.

<sup>15</sup> Bairro de Belo Horizonte.

<sup>16</sup> Localizada no Amapá, às margens do Rio Amapari, possui grandes jazidas de minério de manganês.

<sup>17</sup> Paulo Habib Engenharia S/A.

<sup>18</sup> NUCLEBRÁS Equipamentos Pesados S/A (Nuclep), empresa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

telégrafo<sup>19</sup>. Além de transmitir, eu recebia de ouvido também, treinei um pouco no rádio. Quando saí do Exército em 1937 – servi 1936 e 1937 –, fui convidado para trabalhar na Central. Tive uma duvidzinha e tal. Tinha a minha alfaiataria, continuei com a alfaiataria por uns tempos. Mas pratiquei o [inaudível] na agência de Furquim<sup>20</sup>, onde os agentes<sup>21</sup>, chefes-de-estação eram meus amigos. Pratiquei um pouco telegrafia e cálculo, fazer cálculo. Depois, fui submetido a um concurso... Não, minto. Como alfaiate, eu vivi uma época boa durante uns dois, três anos assim. Depois, começou a chover muito, chuva contínua quase. A vida do trabalhador lá de Furquim era mais tirar ouro, trocar ouro, vender ouro, ou então ir para São Paulo para trabalhar e voltar. Eles começaram a sair para São Paulo e voltar de São Paulo. E eu fiquei com corte, com fazenda lá na estante; às vezes, terno pronto também...

**Elodia Lebourg** – Senhor Antônio, só um pouquinho. Tem um ruído externo. A gente vai parar...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]<sup>22</sup>

**Elodia Lebourg** – Vamos recomeçar nossa entrevista. Eu queria voltar um pouquinho. O senhor falou que saiu do Exército e...

**Antônio Luz** – Fui para a minha terra.

**Elodia Lebourg** – ... trabalhava como alfaiate?

**Antônio Luz** – Trabalhava como alfaiate. Tive alfaiataria.

**Elodia Lebourg** – Em Furquim?

**Antônio Luz** – Em Furquim.

**Elodia Lebourg** – Por quanto tempo?

**Antônio Luz** – Quarenta e... Três anos. Trabalhavam comigo um filho de um primo da Áurea, [inaudível] Oliveira de Souza, já falecido, lá de São Domingos, e José Honorato Zacarias, primo meu. Dois oficiais. E tinha aprendiz: um era irmão do padre lá, Paulo Martins da Silva; o outro era filho de um sapateiro lá, José Antônio de Oliveira...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> O telégrafo foi o primeiro aparelho que permitiu a comunicação à distância através de fios e da eletricidade. A informação pode ser transmitida desde que se adote um código previamente estabelecido, tal como o Código Morse, nome dado em homenagem a seu inventor.

<sup>20</sup> Por Furquim passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O distrito possuía uma estação ferroviária.

<sup>21</sup> Agentes-de-estação, profissionais responsáveis pelas atividades relacionadas à venda de passagens.

<sup>22</sup> A gravação foi interrompida devido ao excesso de barulho vindo fora do estúdio e que estava sendo captado pela câmera.

**Elodia Lebourg** – O senhor me falava que permaneceu por um tempo na alfaiataria e que depois foi para a ferrovia.

**Antônio Luz** – É. Por dois ou três anos eu continuei como alfaiate, com os auxiliares. No intervalo, eu ia para a Estação praticar, porque telégrafo... Telégrafo não. Contabilidade da estrada. Telegrafia eu já sabia, pegava de ouvido e tudo. Com esse fracasso de... Muita chuva, falta de dinheiro, o pessoal começou a sair para São Paulo. Eu tive que deixar com papai corte de casimira – ele era alfaiate também –, deixava a medida do indivíduo e... Deixava com ele porque, quando eles voltassem de lá, tirariam a roupa com papai. Eu saí, pratiquei uns tempos. Depois tentei arranjar um serviço nos Correios e Telégrafos<sup>24</sup> de Ponte Nova<sup>25</sup>. Fui para lá, fiz o concurso, passei em primeiro lugar, mas não teve a portaria me nomeando. Tive de voltar, porque não tinha dinheiro para pagar a pensão. Voltei. Aí fiz concurso da Central e entrei como agente. Fui trabalhar em Mariana no dia 12 de dezembro... Doze de janeiro de 1945, 1946, mais ou menos. Como eu era auxiliar de agente<sup>26</sup>, trabalhei... Depois substituí em muitas estações, praticando vários serviços. Estive como chefe-de-estação de Ribeirão do Carmo<sup>27</sup>, primeira Estação. Depois fui para a minha terra, como chefe da Estação de lá também, substituindo Luís Alves Lopes, que foi para Ponte Nova trabalhar no banco; então ele passou a Estação para mim. Depois passei a Estação para Paulo Pinto Gonçalves Moreira Balbino. Fui para Ouro Preto. Em Ouro Preto fui ficando. Trabalhei como agente em Miguel Burnier<sup>28</sup> por dois ou três anos. Na ocasião, eu recebi a Estação de Miguel Burnier... O agente era Leopoldo Savassi. Por ordem da ferrovia, no dia em que passava o especial da administração, o chefe da Estação tinha que se apresentar na plataforma para receber o especial<sup>29</sup>, não é? O Savassi, muito simples, se distraiu e foi... Não lembro agora quem era o chefe do distrito aqui, em Belo Horizonte: destituiu-o como chefe da Estação e mandou que passasse a Estação para mim. Fiquei

---

<sup>23</sup> A gravação foi interrompida novamente devido ao excesso de barulho vindo fora do estúdio e que estava sendo captado pela câmera.

<sup>24</sup> Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

<sup>25</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>26</sup> Auxiliar-de-estação, profissional responsável por auxiliar o agente-de-estação.

<sup>27</sup> Distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>28</sup> Distrito de Ouro Preto, onde iniciava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>29</sup> Tipo de composição.

chateado, porque nós dois éramos irmãos na Maçonaria. “Não depende de mim. Vou dar um jeito e você vai receber a Estação”. No dia seguinte, na volta do especial de Ponte Nova<sup>30</sup> para cá, eu fui e pedi a eles, expliquei como era o Savassi: uma pessoa muito boa, trabalhador, um agente bom, mas era meio simples assim, de uma grande simplicidade; ele não teve a maldade de esperar o especial, talvez atendendo a uma outra circunstância qualquer lá do serviço. Então, mandaram que eu devolvesse a Estação para ele. Por um dia, fui chefe da Estação de Burnier. No dia seguinte, passei o trabalho para Leopoldo Savassi. Voltei a Ouro Preto. Trabalhando em Burnier e morando em Ouro Preto – foi assim, me parece, até 1953. Parece que em 1953 eu fui transferido, removido como agente para Ouro Preto. O chefe lá era o Senhor José Joaquim Simões. Eu fui trabalhar no armazém. Trabalhei muito tempo no armazém de mercadoria e substituí, às vezes, o chefe, quando dava folga. Na primeira oportunidade... Não lembro se foi em mil novecentos e quarenta e... Não estou bem lembrado agora. Isso eu tenho anotado nos meus livros dos registros. Quando eu recebi a Estação do Senhor Simões, ele veio para auxiliar aqui. Eu tenho o telegrama, deve estar aí na pasta<sup>31</sup>. Ele veio para o escritório e eu fiquei como chefe da Estação. Queria muito bem a Ouro Preto. O interessante é que eu não tinha [casa para morar]<sup>32</sup> e pagava aluguel. Aí fui morar na casa da Central, um palácio! Casa muito boa, na subida da... Não sei se ali era Escola de Farmácia, não sei. [a pessoa que comprou]<sup>33</sup>...

**Elodia Lebourg** – É para baixo um pouco da Escola de Farmácia, não é?

**Antônio Luz** – Para baixo. Aquela primeira casa na subida<sup>34</sup>.

**Elodia Lebourg** – A primeira...

**Antônio Luz** – É. Morei ali durante 10 anos. Era feliz e não sabia que era feliz: a verdade é essa. Eu poderia ter feito uma economia... Pagava 300 reais de aluguel. Se eu fizesse de 100 reais por mês, em 10 anos teria feito uma economia para comprar a casa aqui, em Belo Horizonte, ou alugar coisa melhor. Depois, como chefe lá de Ouro Preto, eu também substituí na fiscalização do tráfego. Fui fiscal do tráfego, fui fiscal e auxiliar do fiscal

---

<sup>30</sup> Em Ponte Nova terminava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O município possuía uma estação ferroviária.

<sup>31</sup> Refere-se a uma pasta contendo fotos e documentos, que levou no dia da entrevista.

<sup>32</sup> Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

<sup>33</sup> Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

<sup>34</sup> Rua Pacífico Homem, próxima à Estação Ferroviária de Ouro Preto.

Sebastião Sena Vilas Boas. Fui fiscal nas estações de Ribeirão do Carmo até Ponte Nova. Viajava e tal, no que diz respeito à inspeção na estação e tal... Convivia com a turma toda, muito bem. Graças a Deus, não deixei inimizades na ocasião! Deixa ver. Em Ribeirão do Carmo, era o Senhor Levindo de Oliveira, pai do Nilson de Oliveira<sup>35</sup>. Senhor Dario<sup>36</sup>, em Monsenhor Horta<sup>37</sup>. Em Furquim era o Senhor Luís Alves Lopes. Acaiaca<sup>38</sup>, Antônio Gomes. Crasto<sup>39</sup> era um tal de Coutinho<sup>40</sup>. Felipe dos Santos<sup>41</sup> era Joanito Sena Vilas Boas, lá de Felipe mesmo. E Sebastião Sena Vilas Boas, irmão dele. Em Ponte Nova, na ocasião, o chefe era Eriberto Gonçalves Leite. Fiquei pouco tempo como fiscal, saí logo para... Pensando em ir para Belo Horizonte. Em Belo Horizonte<sup>42</sup>, acabei depois como chefe da Estação e acabei aposentado em junho...

**Jason Santa Rosa** – O senhor veio para Belo Horizonte?

**Antônio Luz** – Belo Horizonte.

**Jason Santa Rosa** – Quando?

**Antônio Luz** – Eu estive como chefe-de-estação em Belo Horizonte até 30 de junho de 1960.

**Elodia Lebourg** – E se aposentou em seguida?

**Antônio Luz** – Aposentei-me em seguida. Recebi a Estação do Senhor Alfredo Andrade Freitas.

**Elodia Lebourg** – Em Ouro Preto, seu último cargo também foi chefe-de-estação?

**Antônio Luz** – Chefe-de-estação. Passei a Estação para o Senhor Antônio Miguel Leite<sup>43</sup>. Tenho até a cópia do telegrama aí, designando para passar a Estação... Recebi a Estação do Simões. Simões vinha para o escritório. Ah!

---

<sup>35</sup> Nilson Lourdes de Oliveira, entrevistado pelo Vale Registrar.

<sup>36</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>37</sup> Distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>38</sup> Por Acaiaca passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O município possuía uma estação ferroviária.

<sup>39</sup> Estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Localizada em Acaiaca.

<sup>40</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>41</sup> Distrito de Congonhas do Campo, município de Minas Gerais, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>42</sup> Por Belo Horizonte passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O município possuía uma estação ferroviária.

<sup>43</sup> Entrevistado pelo Vale Registrar.

Houve uma interrupção, sobre a qual eu não falei: o trecho lá passou a pertencer à Leopoldina, Estrada de Ferro Leopoldina. Aí já não era mais Central outra vez. Era Leopoldina: Segunda Divisão, Terceira Divisão, uma coisa assim. Eles não queriam me deixar sair. Eu precisava vir, porque a Áurea, minha mulher, já tinha vindo para Belo Horizonte para os filhos continuarem estudando. E trabalhava... Passei a Estação no dia 31 de julho – não lembro o ano assim – para Antônio Miguel Leite. Para mim, ele foi o último chefe-de-estação deles lá.

**Elodia Lebourg** – O senhor foi o último chefe-de-estação na época ainda da Central, em Ouro Preto?

**Antônio Luz** – Fui o último, isso mesmo. Depois passou para Leopoldina. A Leopoldina também... Passados uns tempos, o Ramal<sup>44</sup> voltou a pertencer à Central. Aí já era o Leite quem estava substituindo.

**Jason Santa Rosa** – Em Belo Horizonte, onde o senhor trabalhou?

**Antônio Luz** – Quanto?

**Jason Santa Rosa** – Onde?

**Antônio Luz** – Onde? Na Estação central. Eu fui o chefe aí.

**Jason Santa Rosa** – Ah, é? Como era lá?

**Antônio Luz**<sup>45</sup> – Primeiro, eu fui para o armazém, trabalhava no armazém, encarregado do armazém. Encarregado do armazém foi o Senhor Alfredo Andrade Freitas e eu recebi a Estação do Freitas. Estou com uma dúvida sobre de quem eu recebi a Estação: se foi do Freitas ou se foi...

**Jason Santa Rosa** – Como era a Estação aqui?

**Antônio Luz** – Hein?

**Jason Santa Rosa** – Como era a Estação aqui?

**Antônio Luz** – A Estação lá embaixo?

**Jason Santa Rosa** – É.

**Antônio Luz** – Da Central? Tinha aquele [inaudível], mas, na ocasião, ela estava subordinada à Leopoldina. O Ramal da Ponte Nova, todo o Ramal estava subordinado à Leopoldina também. O chefe era o Doutor Vilhena, [Antônio Geraldo]<sup>46</sup> Batista Vilhena.

---

<sup>44</sup> Ramal da Ponte Nova.

<sup>45</sup> O entrevistado não respondeu à pergunta.

<sup>46</sup> Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

**Elodia Lebourg** – Esse armazém de exportação, que o senhor comentou, era em Belo Horizonte?

**Antônio Luz** – Como?

**Elodia Lebourg** – O armazém, em que o senhor trabalhou por um tempo, era em Belo Horizonte?

**Antônio Luz** – Aqui em Belo Horizonte, com o Senhor Freitas.

**Elodia Lebourg** – Era um armazém de exportação que ficava na Estação?

**Antônio Luz** – Importação e exportação.

**Elodia Lebourg** – Qual era sua função nesse setor?

**Antônio Luz** – Lá no armazém?

**Elodia Lebourg** – Sim.

**Antônio Luz** – Arrecadação de frete, calcular frete de mercadoria. Fazia arrecadação toda tarde, passava para o ajudante, que era o Senhor... Esqueci agora o nome dele. Mas eu passava para o ajudante. Depois eu fiquei como ajudante. Quem ficou no meu lugar foi o Antônio Miguel Leite. Teve uma época quando a Estação [inaudível] aqui estava subordinada à Sétima Divisão, Leopoldina, não é?

**Elodia Lebourg** – Sim.

**Antônio Luz** – Depois voltou a estar [inaudível] à Central, por pouco tempo.

**Elodia Lebourg** – Como chefe-de-estação em Ouro Preto, o que o senhor fazia? Qual era sua função?

**Antônio Luz** – O chefe-de-estação confere todos os expedientes: recibo de encomenda, carga, confere bilheteria da Estação, faz a arrecadação. O dinheiro recebido é entregue a ele, que faz o boletim – chama-se [BT 43]<sup>47</sup> – e faz a remessa do dinheiro para a contadoria, a receita central. Essa era a função do chefe da Estação. Detalhes todos da encomenda, da carga, motivo de registro dos [fretes cobrados]<sup>48</sup>, despacho efetuado; entrega-se para o chefe conferir despacho por despacho, cálculo... Cálculo não; cálculo era o cara do armazém mesmo que fazia. Ele só conferia o recibo e a arrecadação do dinheiro. Eu fazia isso e revertia o dinheiro para o Rio<sup>49</sup>, em sacolas. Era o

---

<sup>47</sup> Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

<sup>48</sup> Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

<sup>49</sup> Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome, onde se localizava a sede da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil e, posteriormente, da antiga Estrada de Ferro Leopoldina.

chefe da Estação. O resto era fiscalizar problema de passageiro, atender reclamações etc. Felizmente, eu tive pouca ou quase nenhuma reclamação.

**Elodia Lebourg** – Nessa época, muitos funcionários eram subordinados ao senhor?

**Antônio Luz** – Ah, vários! Citar o nome deles ou só a quantidade?

**Elodia Lebourg** – Pode ser a quantidade ou nome, como o senhor preferir.

**Antônio Luz** – Trabalharam comigo, na ocasião, Antônio Miguel Leite, Euclides Martins de Moura, encarregado da encomenda... Essa gente que eu estou falando, lembrando... Bento Pereira da Silva... Antônio Miguel Leite, Bento Pereira da Silva... Não estou conseguindo lembrar os nomes todinhos... Está fugindo aqui a possibilidade de informar nome por nome.

**Elodia Lebourg** – Não faz mal. Aproximadamente quantos eram?

**Antônio Luz** – Ah, eram 42! Quarenta e dois empregados. Tem esse guarda-chave<sup>50</sup>...

**Elodia Lebourg** – Quarenta e dois?

**Antônio Luz** – É. [inaudível] quarenta e dois. Depois foi reduzindo. Quando eu saí já estavam uns 18, só.

**Elodia Lebourg** – Por que diminuiu tanto?

**Antônio Luz** – A título de economia. E também a renda caiu muito. Passageiro diminuiu muito e carga também, por causa do transporte rodoviário, não é? A estrada de ferro adotou, por um certo tempo, o transporte rodoviário até a Central, onde a rodovia... Aqui trabalhava, acho, Senhor Castor<sup>51</sup>, que foi carregador do armazém. Outra pessoa, Almiro Dias. Mas foi por pouco tempo. Transporte rodoviário, de caminhão, não é? Pegava aqui a mercadoria, pegava de porta em porta. Concorrência, não é? Política, política ferroviária. Só deu prejuízo à Central. A estrada de ferro só teve desvantagem com isso. Só teve desvantagem.

**Elodia Lebourg** – Como o senhor considera o relacionamento do senhor, como chefe-de-estação, e esses 42 funcionários?

**Antônio Luz** – Como eu considero?

**Elodia Lebourg** – Como era esse relacionamento entre vocês?

---

<sup>50</sup> Profissional responsável por operar a chave do AMV (aparelho de mudança de linha).

<sup>51</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

**Antônio Luz** – Olha, eu só tive um empregado, meu amigo, que se recusou a uma ordem dada, quando passava a Leopoldina aí. Chama-se Euclides Martins Moura, o Tilim. Era encarregado, trabalhava no armazém de encomenda, meu amigo. Mas: “Não cumpro ordem sua, através de Leopoldina, não!” E aí deu um problema. Não tinha gente para substituir, eu tive de colocá-lo à disposição da Central, devolvendo à Central. O único desentendimento... Assim, sem discussão. Só: “Não cumpro sua ordem.” “Se você não cumpre, eu não posso...”. Comuniquei à Leopoldina e ele alegava que não cumpria a ordem da Leopoldina, nem minha. Contra a minha vontade, eu tive... Eu não queria prejudicar ninguém, mas não podia também deixar de atender a parte.

**Elodia Lebourg** – E com os outros funcionários? O senhor é sempre muito elogiado pelos outros ferroviários. Como era isso para o senhor?

**Antônio Luz** – Ah, não tenho o que me queixar de ninguém! Bons amigos! Companheiros, todos. Felizmente, acho que não deixei nenhuma inimizade com ninguém. Mesmo o Tilim. Depois ele reconheceu que não podia fazer aquilo. A senhora dele, os filhos, ele sofria muito de hemorróidas, doente, um pouco nervoso, não é? O problema da Leopoldina era um problema sério. Muita gente achava que aquilo era um capricho, política superior, por causa do Ramal, não é? Vai perder o Ramal da Central e passar para a Leopoldina – era Divisão: Segunda Divisão, Terceira Divisão... Leopoldina era só um nome da estrada anterior. Mas lá era Terceira Divisão, aqui era Segunda. Pouco importava que aqui ficasse uma parte de lá ou de lá daqui. Houve essa interferência e acharam por bem ceder o Ramal de Burnier a Ponte Nova para a Leopoldina. Não funcionou muito tempo, parou logo. Foi um desarranjo, porque muita gente estava acostumada com... Tudo na Central era diferente, transporte... Tudo era completamente diferente. Mas eu consegui sair bem, quer dizer... Você está falando que eles me elogiavam?

**Jason Santa Rosa** – Por que era diferente, Senhor Antônio?

**Antônio Luz** – Hã?

**Jason Santa Rosa** – O senhor falou que tudo na Central era diferente. Por que era diferente?

**Antônio Luz** – Ah, o sistema de trabalho e renda! Arrecadação, simplicidade de... Eu fornecia, por exemplo, passe para professora lecionar em Tripuí<sup>52</sup>: só com um cartãozinho e um memorandozinho, extraía-se o recibo ali e estava comprovado. Eu fui fazer isso na Leopoldina: deu um azar! [riso] Veio um fiscal do Rio, veio perguntando por que eu estava desobedecendo à ordem: “Não! É um costume aqui, é um costume da Central.” “Nós temos que depender de autorização da Terceira Divisão e tal”. Eu falei: “Claro, perfeitamente. É erro meu, me penitencie. Eu tentei simplificar para não prejudicar os alunos, não prejudicar as professoras”. Aí veio um fiscal do Rio fazer entrevista comigo. Eu expliquei para ele: “A professora sai daqui com chuva, com sol, para lecionar aí nesses lugares. Se ela não for, ela não ganha o dinheiro e os meninos ficam prejudicados. Então, eu preferi fazer o sistema da Central, a que eu estava acostumado. É assim, assim, assim... É só pegar a fotografia, colocar ali, com uma carta fazendo o requerimento. Despachava-se e estava resolvido.” “Ah, bom! Se é assim, pode continuar fazendo.” “Perfeitamente”. [inaudível] pertencente à Leopoldina, sistema de carta para lá, carta para cá. Não era difícil para resolver, não.

**Jason Santa Rosa** – Era mais burocrático na Leopoldina?

**Antônio Luz** – Era mais simples do que na Leopoldina.

**Jason Santa Rosa** – Pois é, na Leopoldina era mais burocrático?

**Antônio Luz** – Ah, era muito mais! A burocracia era pior. Era carta para lá, outra para cá. A gente trabalhava muito. [inaudível] Na Central era mais simples. Mas foi um bom período que eu tive.

**Elodia Lebourg** – Por quanto tempo o senhor ficou trabalhando na Leopoldina?

**Antônio Luz** – Não fiz o cálculo disso. Só tenho anotações. Não sei quando que...

**Elodia Lebourg** – Não faz mal.

**Antônio Luz** – Uma média de uns dois, três anos. Eu não tenho idéia.

**Elodia Lebourg** – O senhor comentou... Deixe-me ver se eu entendi: depois volta para a Central?

**Antônio Luz** – Ah, depois eu voltei para a Central! Pedi meu retorno para cá.

---

<sup>52</sup> Estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Ouro Preto.

**Elodia Lebourg** – Veio para Belo Horizonte.

**Antônio Luz** – Vim para Belo Horizonte, com a Leopoldina ainda aí, operando a Terceira Divisão. Mas havia um descontentamento. É interessante: o operário não se conformou muito. Central era Central, Leopoldina era Leopoldina. Aí a Leopoldina era mais simples. Era tipo uma pessoa em uma situação melhor e outra em uma situação mais inferior. Então, aquele que era melhor tinha aquele sistema e o outro... [riso] Na Leopoldina era tudo mais simples, tudo, tudo, tudo. A Central era mais burocrática. Se eles fossem exigir... Em compensação na Leopoldina se exigia mais carta, fazer uma carta, despachar e tal. Era mais burocrática assim, em carta. A Central era mais burocracia em documentos e dinheiro.

**Elodia Lebourg** – Então a Central também tinha muita burocracia, só que de maneira diferente da Leopoldina.

**Antônio Luz** – É, diferente.

**Elodia Lebourg** – Mas ambas tinham esse tipo de burocracia.

**Antônio Luz** – A Leopoldina era o tipo de companhia... Cartas, carta para lá, não é?

**Jason Santa Rosa** – A estrutura da Leopoldina era mais simples, não é isso?

**Antônio Luz** – Hein?

**Jason Santa Rosa** – A estrutura da Leopoldina era mais simples.

**Antônio Luz** – Era mais simples. Porque para ela... Dificilmente não ia autorizar. A gente pedia uma coisa que era justa, mas tinha que esperar a carta deles, porque era um documento. Sistema de companhia, não é? E na Central não, um telegrama resolvia: “Peço autorização, tá tá tá...”. Ou então já fazia, já cobrava ali certinho e mandava o documento comprovando.

**Elodia Lebourg** – Em Belo Horizonte, depois de um tempo, o senhor volta a trabalhar como chefe-de-estação, certo?

**Antônio Luz** – Como chefe da Estação.

**Elodia Lebourg** – Suas atribuições, suas funções continuam sendo as mesmas que em Ouro Preto? Ou mudou alguma coisa?

**Antônio Luz** – Mudou bastante, não é? Estação pequena era só conferir encomenda, passagem... Simples, não é? Aqui tinha muito mais serviço para se fazer, um volume maior, renda maior. Depois de chefe-de-estação... Aliás, eu saí do armazém e fui ser encarregado da renda da Estação de Belo

Horizonte: dinheiro de todo o Ramal, tudo vinha para fazer a arrecadação e... Ah! Teve um problema mais sério aí, nessa arrecadação de renda. Tinha um guarda na porta do escritório para receber... Ali só entrava a pessoa que viesse entregar o dinheiro, o assunto do serviço. Pois eu tive um empregado, que foi da Central, que começou... Não estou lembrando bem o nome. Manoel... Não sei. Começou a receber as bolsas que vinham com o pessoal. Ele dava recibo, abria, tirava o dinheiro e devolvia com o recibo. O dinheiro, ou ficava parte para ele, ou então todo. Em pouco tempo descobriram e aí foi aquele... Estou pensando é o seguinte: se isso começou na época de um outro rapaz, o Caetano de Oliveira, que era o chefe da renda. Eu fui substituí-lo e estranhei, porque fiquei sabendo que não estava vindo renda de determinadas estações: a bolsa era devolvida, mas a renda não constava. Nisso eu fui fazer o levantamento e descobri... Foi na época em que o Caetano passou para mim a seção de renda. Então, esse rapaz foi quase dispensado, chamado atenção e tal. Fiquei [inaudível], porque eu saí da renda e fui para a chefia da Estação. O certo é que ele não foi dispensado, não. Pagou tudo direitinho, tenho certeza.

**Elodia Lebourg** – De onde vinha esse dinheiro, essa renda que o senhor está comentando?

**Antônio Luz** – Como?

**Elodia Lebourg** – Esse dinheiro que o senhor falou?

**Antônio Luz** – Das estações. Vem em bolsas, vem lacrado e fechado. Tem uma pessoa encarregada de abrir as bolsas, contar o dinheiro e passar. Nessa daí, ele guardava o recibo, devolvia a bolsa... Eu não estou bem certo como fazia... Ah! Começou a sumir recibo, a Estação começou a reclamar que não tinha os recibos dos dias tais, tais, tais. Aí se descobriu.

**Elodia Lebourg** – Esse dinheiro era dinheiro para pagamento dos funcionários?

**Antônio Luz** – Não. Era arrecadação de dinheiro da Estação, que vinha para a estrada.

**Elodia Lebourg** – Ah, entendi!

**Antônio Luz** – Eu não fiquei sabendo se esse rapaz foi dispensado. Eu saí logo... Manoel Martins, até um bom moço, rapaz! Muito ingênuo! Não sei o que aconteceu com ele, se ele foi dispensado... Era de Acaiaca. Mas era...

**Jason Santa Rosa** – Qual era a diferença, Senhor Luz, entre a chefia da Estação daqui e a chefia da Estação de Ouro Preto? Que principal diferença o senhor sentiu?

**Antônio Luz** – Estação de...

**Jason Santa Rosa** – Daqui e a de Ouro Preto?

**Antônio Luz** – De Ouro Preto? Ah, muita diferença, não é?

**Jason Santa Rosa** – O senhor se lembra?

**Antônio Luz** – Eu me lembro. A arrecadação da renda era muito maior. Diversas... Completamente diferente! A arrecadação de Ouro Preto era só da Estação: encomenda, carga que chegava, mais era frete a pagar e bilheteria, não é? Em Belo Horizonte não. Tinha a seção de renda... A seção da Estação era uma coisa, separada. A seção de outras... A seção de renda era um setor separado, porque vinha uma renda de outra estação para fiscalizar aqui, para mandar para o Rio. E quando isso não funcionava, vinha um fiscal para olhar direitinho para passar para o Rio. Costumava... O cara foi inteligente, porque ele recebia a bolsa com o dinheiro, dava o recibo na guia e devolvia a guia, o dinheiro não. Devolvia aqui um ou outro. Segurava a bolsa por uns dias assim, depois mandava. Aí começaram a reclamar que não tinha bolsa para mandar.

**Jason Santa Rosa** – Em Ouro Preto e aqui, o senhor era muito rigoroso com seus funcionários?

**Antônio Luz** – Como?

**Jason Santa Rosa** – O senhor era rigoroso?

**Antônio Luz** – Nunca fui muito rigoroso, não. Mas também não era relaxado. Ficava de olho para ver onde estava o erro: “Peraí! Tem uma coisa aqui esquisita!” “Ah, pá... pá...” “Não, não, vamos olhar!” Não adianta, quando o sujeito é muito rigoroso, ele leva desvantagem: na primeira oportunidade, o pior vem para ele. Agora, se ele é relaxado, é o dobro. Então tem que... Ainda fica a inimizade do pessoal, não é?

**Elodia Lebourg** – Na época em que o senhor trabalhou em Ouro Preto, como era o espaço físico da Estação? O prédio, o pátio...?

**Antônio Luz** – A Estação era ocupada só na parte de baixo, a parte de cima era escritório. Então, só se ocupava a parte de baixo da Estação. E nunca tive problema nenhum.

**Elodia Lebourg** – Teve época em que a parte de cima foi moradia também.

**Antônio Luz** – Pois é! Essa época não foi comigo.

**Elodia Lebourg** – Foi antes ou foi depois?

**Antônio Luz** – Foi antes.

**Elodia Lebourg** – Em Ouro Preto também tinha armazém?

**Antônio da Luz** – Teve o armazém de subsistência.

**Elodia Lebourg** – Era o mesmo esquema de Belo Horizonte: armazéns de importação e exportação?

**Antônio Luz** – Aí era renda, já tudo separado: o nosso era ferroviário, o outro era rodoviário. O rodoviário, a arrecadação era feita lá, separado. Não era conosco, da ferrovia. E era muito mais vantajoso, porque não tinha a burocracia que tinha na parte de ferrovia – chegava faltando volume, não sei o que quebrou... Na Rede<sup>53</sup> era rigoroso, [inaudível], demorava a restituir a importância, era complicado demais! No de subsistência não: era um sim ou um não, ou chegou ou não chegou, alguém pagava. Aí começou a prejudicar. A Rede Ferroviária começou a ter essa idéia de armazém de subsistência, transporte rodoviário. Começou daí o fracasso da estrada de ferro. Chegou a perder quase tudo: não tinha passageiro, não tinha renda, não tinha transporte. Mas o negócio era... Eu tenho a impressão até que era muito bem feito: quem autorizava o transporte ferroviário, um; o transporte rodoviário, outro. Agora, o rodoviário: “Eu tenho aí a minha falta de cálculo e tal. Sempre arranjo com outro preferencial. [inaudível] se estiver estragado, eu pago logo em seguida e tal. Sumiu, eu pago logo e tal”. Era uma coisa que na Rede, na estrada de ferro era demorada, comunicava-se para saber como foi, como chegou e tal. Até chegar à conclusão, a pessoa já desistiu de receber. E no rodoviário era ou sim ou não, ou paga ou não paga, ou é ou não é... Foi prejudicando, conseqüentemente, o transporte.

**Elodia Lebourg** – O que essa gradual paralisação da ferrovia significou para o senhor? O que o senhor sentiu na época?

**Antônio Luz** – Como? Eu não entendi bem.

**Elodia Lebourg** – Eu queria saber o que o senhor sentiu na época em que a ferrovia foi sendo paralisada, justamente por essa substituição do tipo de transporte.

---

<sup>53</sup> Rede Ferroviária Federal S/A.

**Antônio Luz** – [riso] É uma história um pouco complexa, eu não posso afirmar... Certas coisas eu posso afirmar porque eu vi: problema de transporte de passageiro. No caso, tinha um controle que chegava à Estação de Dom Bosco<sup>54</sup>, ele dizia: “[inaudível] a hora”. Quer dizer, ele passou aqui [inaudível] completamente na hora e aí ia com fiscal. O de Ponte Nova para cá também já ficava sabendo de lá: “Hoje tem fiscal. Cuidado!” O de lá também para cá: “Não. O trem saiu daqui há horas. Saiu rigorosamente na hora”. Quer dizer, tinha alguém que... Esse “rigorosamente” era o dia que tinha fiscal. Foi caindo o movimento de passageiro, caindo, caindo, caindo. Não dava renda, não é? Um dia dava, o outro não dava. Volta fiscal. Uns fiscais rodavam, outros não rodavam. Deu no que deu: acabaram com o Ramal, fecharam o Ramal temporariamente. Eu sei de uma pessoa que trabalhava no escritório, Senhor Rubens Ferreira... Ele tinha como fazer vários horários de trem para que o entroncamento ficasse certo, podia ir lá para Lafaiete<sup>55</sup>, para aqui, para Lafaiete, para Belo Horizonte, para Sabará<sup>56</sup>, para Nova Era<sup>57</sup>. Só não fazia o de Ponte Nova; Ponte Nova, lá com a Leopoldina, não tinha. Esses horários... Primeiro no serviço, segundo... No terceiro horário, ele piscou assim, mais ou menos, fez tudo ao contrário: nenhum trem dava correspondência com outro, nenhum trem dava correspondência! Eu nem sei quem era o chefe aqui, na época. Aprovou, falou: “Está ótimo! Está bom”. Tiraram o carro de bagagem – o carro que carregava bagagem, despachava bagagem –, tiraram os coletores intermediários. Só ficaram os diretos. E foi fracassando, até chegar ao pior ponto que uma estrada pode chegar. Eu sei quem fazia o horário: era o Senhor Rubens Ferreira. Eu não sei... Porque eu não conferi ainda quem era o encarregado, o engenheiro. Mas o certo é que aquele horário que ele fez, com os entroncamentos sempre não dando correspondência para Lafaiete, ou para Nova Era, ou [Camargos]<sup>58</sup>... “Este aí é o horário.” “Está bom, está bom”. Então, existia uma maldade qualquer.

---

<sup>54</sup> Estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Localizada em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto.

<sup>55</sup> Conselheiro Lafaiete, município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Variante do Carandaí, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>56</sup> Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>57</sup> Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho do Ramal de Nova Era, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>58</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

## [DVD B]

**Elodia Lebourg** – Eu queria recomeçar desse ponto que o senhor parou. O senhor falou que no relacionamento entre os funcionários da ferrovia tinha uma maldade – o senhor usou esse termo anteriormente. Mas os funcionários da ferrovia se davam bem em grupo? Eram unidos? Eles eram uma família, como outros depoentes falaram?

**Antônio Luz** – Para mim, que fui chefe da Estação de Ouro Preto, chefe de Belo Horizonte, na Leopoldina, na Central e, ainda até um pouco, na Linha do Oeste, na Centro-Oeste<sup>59</sup>, havia uma política, assim, perigosa. Eu não posso me queixar de nada, exatamente por causa da Maçonaria. Pelo fato de ser maçom, eu convivia com todo mundo em uma parte ou em outra: maçons da Leopoldina, muitos maçons da Rede, maçons da Central. Da Central menos, mas era o lugar em que eu conhecia todo mundo. E tive a oportunidade de evitar certos acidentes que o indivíduo faz, irritado com a coisa e tal. Doutor Vilhena, por exemplo, ótima pessoa. Ficaram revoltados com ele. Senhor João Batista Vilhena foi chefe da Leopoldina. Eu o conhecia. Então, tive problema com ele, lá em Ouro Preto, [inaudível], pressão sobre o Vilhena. Aqui não. Aqui, da Rede havia... Eu não pude entender bem como era; não havia aquela aceitação tanto quanto na Central, outros na Central. Mas também não havia aquele propósito de implicância, não é? Então não notei, comigo e com os outros funcionários, eu não posso me queixar. Em todo lugar me dei bem, não tenho nada a queixar de uma, de outra ou de outra, compreendeu? Nem da Leopoldina... Felizmente eu saí regularmente. Não queriam que eu saísse de lá. Vim para a Central. Na Central, eu já era conhecido. E na Centro-Oeste eu não era conhecido, mas procurei fazer amizade e não tive do que me queixar, de ninguém também, nem de chefia, nem de estação, nem de chefe de serviço, [inaudível] imediatamente. Porque a Maçonaria me valeu muito. Entre nós, maçons, não tem aquela falta de verdade. A verdade é essa, ou é bom ou não é. É bom ou não é. É bom, é bom e pronto! Ele está do lado de lá, mas é uma pessoa boa, então vamos ajudar. A mesma coisa: ali tem um comerciante maçom; o outro, do outro lado, maçom também; e outro não maçom. Aquele maçom está indo muito bem; o outro, regular; e o coitado do outro lá não tem freguesia, não tem nada. “Não. Vamos dividir, vamos ajudar, mesmo que o

---

<sup>59</sup> Viação Férrea Centro-Oeste.

outro não queira fazer uma forcinha. Vamos ajudar aquele que não é maçom, mas que precisa, tem família, tem tudo... Precisa dividir. A divisão normal é tão boa! Para que eu vou querer só para mim e o outro só para ele? Não dá”. Esse é o nosso lema. Na estrada de ferro, isso tem efeito bom porque, quem é maçom, vê logo onde está o X, como diz o outro: “Vamos tratar bem, [inaudível]. Não falei! Aquele deu certo, não deu certo. Fazer e obedecer ao sistema de trabalho assim, a ordem assim. Não tem cara que é preto, que é branco, que é bonzinho, que não é... Não! O certo tem que prevalecer”. Então, eu não tenho do que me queixar nem de um lado nem do outro. Nenhum, graças a Deus! Eu mereci bem.

**Elodia Lebourg** – Eu queria saber um pouco mais sobre o funcionamento da Estação em Ouro Preto.

**Antônio Luz** – Ah, sim! Você falou e eu não... O funcionamento da Estação anteriormente era por torniquete<sup>60</sup>. Pelo torniquete ficava controlando: só entrava a pessoa que tivesse o bilhete, ou então que morasse do lado de dentro da Estação, já conhecida. Em Ouro Preto, eu não tive problema nenhum. Existe um aleijado lá, Senhor Aristides Flores. Era rigoroso, olhava assim: “Ah, não pode entrar, não! Agora, não”. [inaudível] Os outros seguiam mais ou menos aquilo. Então, não tive problema. Em Belo Horizonte, sabe o problema que eu tive aqui? Em seção de informação. Isso eu tive, infelizmente. Tive com a relação das estações todas, de vários ramais – Ponte Nova, lá do sertão, tudo –, horário dos trens, horário de entroncamentos, passagem de primeira e segunda classe, meio preço, [inaudível]: “Você poderia me informar... Tem uma dona aqui, com uma criança, que quer ir para Nova Era. Quanto é a passagem, meia passagem? De primeira, de segunda?” [inaudível] “Meia passagem é tanto. Inteira é tanto. O trem sai daqui às tantas horas e chega lá às tantas horas”. Já tinha isso anotado para o livro de registro de informações. Essa era uma seção perigosa, terrível! O cara ia para lá para bater papo! Conforme a pessoa que perguntasse: “Ah, não sei! Deve ser [inaudível]”. “Mas você não sabe?” “Não, não sei porque varia muito. Agora está aumentando o preço da passagem e eu não tenho certeza. Talvez fique em tanto”. Quer dizer, a pessoa tinha ou não tinha a informação! Essa seção me deu trabalho! [inaudível] sai, vai tomar um café, bater um papo, tomar uma

---

<sup>60</sup> Roleta.

cachaça, vem de lá, vai para casa, volta, vem mal humorado de casa, não atende! Era terrível! A pessoa precisava de uma informação! Era preciso escolher a dedo o indivíduo que servia para trabalhar em seção de informação. Não era muito [inaudível] aquele que ficava esticando muito a [inaudível]. Era aquele que procurava informar o certo, o necessário. Afinal, não custava nada: “[inaudível], o trem chega lá às tantas horas. Sai daqui às tantas, chega às tantas horas. A passagem custa tanto e a meia passagem... De primeira, de segunda...” “Está bom”. Mas existia cada empregado relaxado! Terrível! “Ah, não sei, não. Está o preço aí. Eu não sei.” “Eles estão fazendo a tabela”. De sacanagem! Quando a pessoa não caía na simpatia dele, ele fazia isso. Ou então para prejudicar o chefe da Estação.

**Elodia Lebourg** – Como chefe-de-estação, o senhor pôde tomar alguma providência para resolver esse problema?

**Antônio Luz** – Infelizmente, eu tive de tomar sempre, com todos. Tinha ocasião que variava. Tinha pessoa que saía de sua casa, vinha à Estação... Teve uma senhora que veio à Estação de carro, para obter informação, [inaudível]. O cara informou que não sabia, que estava havendo atraso, que ele não sabia o preço da passagem, que ele tinha de calcular, que ainda não estava feito, [inaudível]. “Quem falou isso com a senhora?” “Foi o senhor Fulano de Tal” [inaudível], “Qual foi o horário?” “Tantas horas”. Eu chegava: “Infelizmente, veio aqui, agora, uma senhora reclamando. Ela queria saber o preço da passagem, da meia passagem, o horário do trem. Você disse que não sabia.” “Estou fazendo o cálculo.” “O cálculo já está feito! Tem um livro aí para corrigir.” “Ah, é!” [inaudível] Andou de conversa fiada aí comigo. Isso ocorreu uma vez comigo. Infelizmente, tive que trocá-lo de seção, porque o cara não queria trabalhar ali. Não era só a informação, ele não gostava de dar informação. Tem pessoa que não gosta, detesta informar, não é? Aquilo parece que está no sangue. Você pergunta a coisa mais simples possível: “Não, não sei. Dizem que é assim”. Tem pessoa assim? Infelizmente tem. [inaudível] que muito embora [inaudível]: “Não, a senhora tem que [inaudível] assim, assim, assim”. Mas tem esse poder assim que facilita [inaudível]; não tem altura suficiente, pode dar meia passagem, ninguém vai cogitar a idade [inaudível]. Infelizmente era uma seção terrível que eu tive em Belo Horizonte, a seção de informações.

**Elodia Lebourg** – Mas isso continuou assim? O senhor não pôde fazer nada, trocar funcionários, resolver de alguma maneira?

**Antônio Luz** – Trocava. A única coisa que eu pude fazer foi trocar. Pegava e botava outro no lugar, calmo. Tirava o outro e aquele ficava satisfeito para trabalhar.

**Elodia Lebourg** – Amenizou depois da troca de funcionários? Resolveu um pouco?

**Antônio Luz** – Ah, isso de uma maneira... Perfeitamente. Eu tenho tudo ali anotado: a correção de quando há alteração no preço da passagem... Aí depende, se for demorar um pouco até fazer o cálculo. Mas se fez o cálculo direitinho, transcreveu, está pronto, não custa nada! Mas tem pessoa má, de instinto mau, [inaudível] “Ah! Dizem que é sim, que o trem vai até tal lugar, pára. Eu acho que ele não vai para lá”. Ele acha, ele nunca... Tem sempre um obstáculo. É lamentável, mas, entre 10, dois são desse tipo.

**Elodia Lebourg** – Senhor Antônio, eu queria que o senhor respondesse a uma dúvida. Quando o senhor comentou sobre o funcionamento da Estação, em Ouro Preto, o senhor falou que tinha o torniquete e que, conforme fosse, a pessoa não podia entrar. Tinha horário específico para as pessoas entrarem na Estação?

**Antônio Luz** – Tinha horário certo.

**Elodia Lebourg** – Que horário era esse?

**Antônio Luz** – Os horários de trem. Só a pessoa que morava do lado de dentro do pátio da Estação podia entrar, era conhecida por... Quem trabalhava no torniquete conhecia quase todo mundo. Era sempre uma pessoa conhecida. Às vezes, conforme fosse, deixava passar: caso de doença, alguma coisa qualquer... Se ele não deixava passar, ele estava certo, porque no horário não podia.

**Elodia Lebourg** – O senhor se lembra desses horários de trem, em Ouro Preto?

**Antônio Luz** – Como?

**Elodia Lebourg** – Eu quero saber se o senhor se lembra desses horários de trem, em Ouro Preto? A que horas chegava e saía o trem?

**Antônio Luz** – Um era às 11 horas e o outro às cinco da tarde.

**Elodia Lebourg** – Saía de Ouro Preto nesse horário ou chegava?

**Antônio Luz** – Chegava e saía, porque não tinha cruzamento. Era o da manhã. E tinha um trem também às cinco e meia, seis horas da manhã. Esse aí é... Nenhum trem... Só saía de Mariana e passava em Ouro Preto, e saía de Belo Horizonte para... Esse aí à noite também...

**Elodia Lebourg** – Nesse momento, só os passageiros podiam entrar na Estação ou pessoas que iam acompanhá-los também podiam?

**Antônio Luz** – Quem ia acompanhar não podia. Tinha que comprar o bilhete.

**Elodia Lebourg** – Se comprasse esse bilhete, podia entrar.

**Antônio Luz** – Podia. Com o bilhete podia. Ingresso é ingresso. Era barato, coisa insignificante. Às vezes, a própria pessoa que ia comprar a passagem já comprava o ingresso para o outro, por educação, sabendo que tinha que entrar. A criança não pagava. Às vezes, era muito raro... Mas já sim, [inaudível] de briga aí, problemas às vezes...

**Elodia Lebourg** – Em que parte da Estação esses acompanhantes ficavam? Ficavam na plataforma ou podiam entrar no trem?

**Antônio Luz** – Na plataforma. No trem só quem ia viajar. Por isso era que [inaudível]. Ou a passagem ou o bilhete de entrada, o ingresso. Mas tinha cara inteligente que comprava ingresso, [riso] chegava lá, pegava o trem.

**Elodia Lebourg** – Mas tinha um funcionário dentro do trem que checava a passagem.

**Antônio Luz** – Mas o cara não ia descobrir isso, não! [inaudível] ingresso, picotava logo [inaudível]. Chegava lá, pulava dentro do trem. Aí era com ele e o chefe-de-trem<sup>61</sup>.

**Elodia Lebourg** – Ah, o chefe do trem fazia essa fiscalização!

**Antônio Luz** – É.

**Elodia Lebourg** – Se ele descobrisse essa pessoa fazendo isso? Cobrava passagem dela?

**Antônio Luz** – Conforme o chefe-de-trem. Raramente... Ele pegava o dinheiro para ele.

**Elodia Lebourg** – Tinha isso?

**Antônio Luz** – Tinha, muito! [inaudível] eu estava lembrando um caso em Burnier. Burnier não. Dom Bosco. Conforme o chefe-de-trem... Outro lá de

---

<sup>61</sup> Profissional responsável por coordenar todas as atividades realizadas em um comboio.

Ponte Nova: “[inaudível] rigorosamente a ordem.” “Ah, rigorosamente a ordem! Ah...” O agente, dessa vez, falava com o camarada: “É, eu acho que passou aqui rigorosamente a ordem”. O de Ponte Nova estava sabendo que, se ele passou a ordem, era porque estava com fiscal: “Passou aqui um pouco atrasado assim, mas marquei a hora”. Ele dependia muito do agente também. O chefe-de-trem às vezes pedia permissão para falar no seletivo<sup>62</sup>, o que não era permitido: “Eu vou dar um recado para o [inaudível].” “Pode.” “Eu queria falar com o chefe que está vindo no trem aí.” “Ah! É Fulano”. O outro já estava lá esperando, chegava: “Ó, o trem está aí rigorosamente. Ordem até aqui. Só se daqui para diante ele estiver atrasado”. Já estava sabendo que, se estivesse rigorosamente a ordem, era porque ia com o fiscal, não é? Isso foi difícil para corrigir. Foi difícilíssimo!

**Elodia Lebourg** – Além do chefe do trem, que outros funcionários trabalhavam dentro do trem?

**Antônio Luz** – Como?

**Elodia Lebourg** – Você comentou que tinha o chefe-de-trem que trabalhava no trem.

**Antônio Luz** – No trem.

**Elodia Lebourg** – Outros funcionários também trabalhavam no trem?

**Antônio Luz** – Não. Não pode falar. No seletivo não era permitido.

**Elodia Lebourg** – Não. Eu estou perguntando... Por exemplo, o maquinista<sup>63</sup> trabalhava no trem. Além do chefe-de-trem, quais outros funcionários iam trabalhando no trem?

**Antônio Luz** – Não entendi ainda.

**Jason Santa Rosa** – Dentro do trem, quem trabalhava?

**Antônio Luz** – O chefe.

**Jason Santa Rosa** – Só?

**Antônio Luz** – O auxiliar<sup>64</sup>.

**Jason Santa Rosa** – O auxiliar.

**Antônio Luz** – E o fiscal.

**Jason Santa Rosa** – O fiscal. Dentro do trem.

---

<sup>62</sup> Aparelho tipo “telefone” utilizado para comunicação interna da ferrovia.

<sup>63</sup> Profissional responsável por operar a locomotiva.

<sup>64</sup> Profissional responsável por auxiliar o chefe-de-trem em funções complementares ao seu serviço.

**Antônio Luz** – Quando tinha fiscal.

**Jason Santa Rosa** – Dentro do trem.

**Antônio Luz** – É. Dentro do trem. Nunca o chefe sozinho. Ele e o auxiliar.

**Elodia Lebourg** – Os trens saíam de Ouro Preto e iam para qual destino?

**Antônio Luz** – De Ouro Preto tinha trem para Belo Horizonte e para Ponte Nova.

**Elodia Lebourg** – Iam muito cheios? Ou em algum dia da semana esse movimento no trem era maior?

**Antônio Luz** – Ah, tem dia de semana, não é? No interior, tem dia da semana que ia maior. Final de semana, sábado. Dia santo ia cheio, para as festas [inaudível].

**Elodia Lebourg** – Tinha algum tipo de comércio dentro do trem? Vendia-se alguma coisa dentro do trem?

**Antônio Luz** – Só geléia. [riso]

**Elodia Lebourg** – Geléia?

**Antônio Luz** – Tinha um cara, um tal de Zé Geléia<sup>65</sup>, que fazia uma geléia muito boa. Eu fui inquilino dele, até morei em uma casa dele, em Ouro Preto. “É, compadre! A geléia hoje está uma beleza! Está boa, mesmo!” Lá vinha ele, cortava um pedacinho, experimentava. Vendia geléia dentro do trem. Só também.

**Jason Santa Rosa** – Geléia de quê?

**Antônio Luz** – Mocotó.

**Jason Santa Rosa** – Era boa?

**Antônio Luz** – Boa geléia, muito boa!

**Jason Santa Rosa** – Ele era uma pessoa boa?

**Antônio Luz** – Boa pessoa, o Zé Geléia. Morei em uma casa dele, casa alugada. “É, compadre! Estou precisando do dinheiro e tal.” “O pagamento não passou, está demorando”. [inaudível] “O homem do carvão já ligou lá para casa, tá... tá... tá...” Ele tinha sempre uma desculpa. Zé Geléia, um bom amigo. Mas depois acabou o negócio de vender geléia no trem. Mas ele vendia também.

**Jason Santa Rosa** – Era proibido ou... Era proibido fazer...?

**Antônio Luz** – Ah, era proibido!

---

<sup>65</sup> O entrevistado não mencionou o nome.

**Jason Santa Rosa** – Era proibido.

**Antônio Luz** – Era proibido. [riso]

**Elodia Lebourg** – Na Estação, no prédio da Estação, tinha algum tipo de comércio? Para o caso daquele passageiro que estivesse parando em Ouro Preto, tinha uma lanchonete ou um café?

**Antônio Luz** – Tinha, tinha um café aqui na Estação. Bom café, muito bom!

**Elodia Lebourg** – Onde era?

**Antônio Luz** – Do lado de dentro. Uma parte reservada, mais ou menos isso assim, quase metade disto aqui<sup>66</sup>. Era para café. Tinha, não é? [inaudível]

**Jason Santa Rosa** – Só servia café, Senhor Luz?

**Antônio Luz** – Só o café?

**Jason Santa Rosa** – É. Só servia café ou tinha comida?

**Antônio Luz** – Não, tinha comida. Café e quitanda: pão, biscoito etc. A única coisa que não podia vender... Ouro Preto, pelo menos, era muito rigoroso nisso. Não tinha negócio de vender cerveja, cachaça, nada, nada! Café e café. Café, empada, biscoito, pão.

**Elodia Lebourg** – No entorno da Estação, que tipo de comércio tinha na época?

**Antônio Luz** – Como?

**Elodia Lebourg** – Na parte de fora da Estação, ali na praça, que tipo de comércio tinha na época?

**Antônio Luz** – Ouro Preto tinha e tem um Hotel Aparecida<sup>67</sup>, um restaurante que foi de um tal de [Quindu]<sup>68</sup>, que depois passou para outras pessoas. Tinha o restaurante. Todos três só para refeição. Era só o hotel e esse cafezinho.

**Elodia Lebourg** – Os passageiros que chegavam à Estação costumavam freqüentar esses lugares? Ou eles eram mais freqüentados pelas pessoas da cidade?

**Antônio Luz** – Quando o trem tinha ponto de almoço em Ouro Preto, eram freqüentados. Acabou o ponto de almoço, era só o pessoal de lá mesmo. De fora não dava tempo, porque o intervalo de parada de trem na Estação era

---

<sup>66</sup> Refere-se à sala em que foi realizada a entrevista.

<sup>67</sup> Hotel Nossa Senhora Aparecida, localizado em frente à Estação Ferroviária de Ouro Preto.

<sup>68</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

pequeno, não é? No máximo, cinco minutos. Sair para tomar um café, você acabava perdendo o trem.

**Jason Santa Rosa** – Qual é a importância da Estação para Ouro Preto?

**Antônio Luz** – Como?

**Jason Santa Rosa** – A importância da Estação para Ouro Preto?

**Antônio Luz** – Olha, ela esteve como sede de escritório, porque estava fechada. Tem valor só histórico, de Estação da Central.

**Jason Santa Rosa** – Mas ela foi muito importante.

**Antônio Luz** – Foi. Inauguração da Estação... Eu tinha um artigo que escrevi para um jornal... Escrevi uma carta e a mandei para o jornal ferroviário lá em... Eu conto como foi a inauguração da Estação de Ouro Preto. Me contaram como foi. Não, não foi da Estação. Foi do jardim da Estação de Ouro Preto. O engenheiro, o chefe da linha não combinava muito bem com o engenheiro-residente. Na ocasião da inauguração do jardim da Estação, o engenheiro aqui era Flores, Doutor Joaquim Flores. O chefe de lá era o Senhor... Não lembro quem era o engenheiro-residente de Ouro Preto. O certo é que para a inauguração do jardim convidaram autoridade, banda de música etc e tal e faltava o engenheiro-residente. Aí o chefe da Estação mandou chamar, interfonar para ele: “Está faltando só o senhor, Doutor. Já está todo o pessoal aqui.” “É? Então eu já vou”. Veio, daqui a pouco subiu lá no coreto e o pessoal... Ele não queria se manifestar sobre a coisa, já estava todo mundo satisfeito com o jardim da Estação, pá... tá... tá... tá... e tal [inaudível]. Ele viu aquela euforia, veio à sua cabeça simplificar aquela coisa, ele leu: “Minhas senhoras e tal. É um prazer estar aqui na inauguração do jardim de Ouro Preto. Eu, apesar não gostar de flores, declaro encerrado... Ah! Inaugurado o jardim!”<sup>69</sup> [risos] Ele não gostava do Flores que era o chefe daqui. [riso] Compareceu e fez o discurso. Apesar de não gostar de flores, declarava... Os diretores do sindicato fizeram um jornalzinho aí, em que constou um caso desse. Quem me contou foi um tal de Elídio Marques, mestre-de-obras na ocasião, que presenciou esse fato [inaudível]... “Apesar de não gostar de flores, eu declaro inaugurado o jardim da Estação de Ouro Preto”. [riso] Falou e não falou.

---

<sup>69</sup> Imita com as mãos os aplausos das pessoas que assistiram à inauguração.

**Jason Santa Rosa** – Da Estação daqui, o senhor ainda tem alguma lembrança?

**Antônio Luz** – Hein?

**Elodia Lebourg** – Da Estação daqui? O senhor tem alguma lembrança da importância da Estação, na época? As pessoas vinham à Estação?

**Antônio Luz** – Não, não tenho, porque... De Ouro Preto, eu tenho o termo de inauguração, posse da Estação, eu tenho tudo em acervo. Eu não sei se o livro veio para aqui. Agora, daqui de Belo Horizonte, eu não tive a curiosidade de ver a inauguração.

**Elodia Lebourg** – Agora, recentemente, o senhor foi para a inauguração do Trem da Vale, em Ouro Preto?

**Antônio Luz** – Se eu fui? Fui.

**Elodia Lebourg** – Como foi isso para o senhor?

**Antônio Luz** – Eu fiquei muito satisfeito. No dia eu não estava me sentindo muito bem, para andar e tudo. Mas compareci satisfeito, porque eu achei aquilo uma coisa muito útil – até política – para Ouro Preto e Mariana. Eu considero que deveria ser até Ponte Nova. É um... Parece um descaso, desinteresse dos políticos de lá, das cidades de Raul Soares<sup>70</sup>, Ponte Nova, Caratinga<sup>71</sup>, Rio Casca<sup>72</sup>, por ali. Ou falta de maldade ou descaso. Não gostaram de ver a ferrovia, não viam necessidade de pessoal ou então não sei. Nunca [inaudível] a Rede, ou a Central, ou a Leopoldina, ou a Centro-Oeste não ter levado o trem à Ponte Nova. É lamentável que eles não tenham ido até Ponte Nova. Só entre Ouro Preto e Mariana é... Como posso comparar? Vou te convidar para um almoço ou para tomar um café lá em casa, no domingo. Você quer tomar um café lá na casa do Senhor Luz? Um cafezinho [inaudível], você poder ir almoçar comigo, lá pelas tantas horas. Se levasse o trem até Ponte Nova [inaudível], mas só até Mariana ficou assim um vazio daqueles prefeitos, daquele pessoal de lá, desinteresse deles. Por que não vai levar o trem lá? Por quê? Sem poder basear lá? É porque de Ouro Preto para lá [inaudível] todo dia; de lá para cá tem tanto [inaudível]. Então o pessoal, os prefeitos... Houve

---

<sup>70</sup> Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>71</sup> Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>72</sup> Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Possuía uma estação ferroviária.

descaso, falta de maldade e, conseqüentemente, a inauguração do trem só até ali ficou meio política, não é?

**Elodia Lebourg** – Mas o senhor comentou que achou útil a chegada do trem, para Ouro Preto e para Mariana. Em que sentido é útil? Por que é bom para as duas cidades?

**Antônio Luz** – Porque se viaja ali em maior quantidade. A pessoa que não tem condições, que não tem um carro ou que quer passear no domingo, pessoa mais simples, pega o trem, a passagem é mais barata, vai lá e volta. Foi a Mariana. A pessoa que veio visitar, chega a Ouro Preto, vai até a Estação, passeia até Mariana, de Mariana quer vir a Ouro Preto também. Então, para o turismo realmente foi útil, muito útil. Mas, no todo, deveria ser até Ponte Nova, pelo menos Ponte Nova, com todo o prejuízo que viesse, dia sim, dia não, ou diário, não é? Moralmente seria Ponte Nova o certo, não é? O meu primo foi prefeito em Raul Soares, José [Macálio]<sup>73</sup> da Luz. Se ele fosse vivo, eu o teria orientado a [inaudível] ao menos assim fazer um pedido. Que ele não fosse atendido, mas para provar o interesse. Isso aí é falta de interesse do pessoal. Conseqüentemente, a ferrovia não vai gastar dinheiro com agente, feitor<sup>74</sup>, maquinista e trabalhadores, trilhos, para manter aquela linha e tudo. Em troca de quê? Sem interesse... Tem que haver o interesse do pessoal do local, não é? Deveriam fazer também um pedido [inaudível].

**Elodia Lebourg** – Quando o senhor retornou para a inauguração, o senhor foi até a Estação de Ouro Preto?

**Antônio Luz** – Fui.

**Elodia Lebourg** – O que isso representou para o senhor?

**Antônio Luz** – Hein?

**Elodia Lebourg** – O que representou para o senhor voltar à Estação?

**Antônio Luz** – Sem dúvida, eu fiquei satisfeito, porque pelo menos o trem de Ouro Preto a Mariana... Mas está sendo assim meio... Uns falam que é político, o negócio não podia ser... Porque é tão pouca coisa Mariana a Ouro Preto, não é? Eu faria talvez... Se estivesse na direção também política, talvez eu fizesse isso também, prestasse o patriotismo, então, em agradecimento a tal pessoa. Do contrário, teria de ir a Ponte Nova, terminando em Ponte Nova.

---

<sup>73</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

<sup>74</sup> Profissional responsável por comandar cada equipe de trabalhadores da soca.

**Jason Santa Rosa** – Eu queria só fazer uma última pergunta, Senhor Luz. A relação da Maçonaria com a ferrovia: não tinha uma relação direta não, não é?

**Antônio Luz** – Não.

**Jason Santa Rosa** – Nenhuma.

**Antônio Luz** – Não, nenhuma. A Maçonaria ficou realmente por fora, nenhum maçom lembrou de pedir. Eu lembrei só de agradecer a distinção que tiveram comigo, me convidando para a festa, para a inauguração, em caráter pessoal, não em caráter maçom. Também não podia falar em nome da Maçonaria porque não tinha jeito, e nem censurar em nome da Maçonaria. Podia censurar como um amigo: “Se fizesse assim, seria bom, não é?” “Não sei”. Perguntar isso: “Você sabe o preço que fica manter uma ferrovia de Mariana a Ponte Nova? Trilhos, empregados, feitores, guarda-fio<sup>75</sup>, guarda-chave, conservação da linha?” “Não”. Então, em troca do que eu ia fazer isso? Da direção, não é? Só se houvesse muito interesse dos prefeitos das localidades para pedir, dar uma coisa em troca. Do contrário, fazer a mesma coisa que [inaudível] Ouro Preto – Mariana, está bom. O Lula<sup>76</sup> foi, gostou, ficou satisfeito. Eu fui lá também assistir ao discurso. Gostei de ouvir. O prefeito de Mariana e de Ouro Preto também falaram bem. Gostei também de não ter tido a oportunidade de estar no meio, ouvindo aquilo sem poder falar nada. E nem adiantava, não é? Eu fiquei meio assim, a mulher com o meu boné lá, porque ela não quis apresentar o boné. Botaram um embornal lá, minha mulher doida para botar o boné na cabeça, punha na minha cabeça, eu: “Não, espera lá! Não estou podendo ir lá, por que eu... Vou ficar do lado de cá”. Não estava me sentindo bem no dia, não é? [inaudível] Agora, se fizesse a coisa certa... Gostei, ficou bom. Pelo menos, Mariana é a minha terra, não é?

**Jason Santa Rosa** – De tudo o que o senhor se lembra da ferrovia, o que fica como maior recordação? É o apito, é o barulho, é o quê? O que é a recordação maior que o senhor tem?

---

<sup>75</sup> Profissional responsável pela instalação e manutenção da parte elétrica e telegráfica contígua à estrada de ferro.

<sup>76</sup> Luís Inácio Lula da Silva, Presidente da República Federativa do Brasil em 2002, e reeleito para um novo mandato em 2006, compareceu à inauguração do Trem da Vale, no dia cinco de maio de 2006.

**Antônio Luz** – A utilidade do transporte ferroviário. A recordação do pessoal que chegava de [inaudível], na ocasião da festa em Congonhas do Campo<sup>77</sup> – aquele pessoal todo ia cumprir promessa.

**Elodia Lebourg** – Bernardo?

**Bernardo Andrade** – Não.

**Elodia Lebourg** – Jason?

**Antônio Luz** – Gente vendendo pastel, fruta na Estação, nas paradas também. Muito agradável! Muito bom mesmo! Enchia de gente para ver o pessoal e quem estava passando também ficava satisfeito de ver. Então, essa é a recordação que eu tenho. O resto...

**Elodia Lebourg** – Senhor Antônio, a gente já vai terminar nossa entrevista agora. Eu queria perguntar, por fim, o que o senhor achou de ter participado do Vale Registrar, de ter dado seu depoimento para a gente?

**Antônio Luz** – O que eu acho de ser convidado?

**Elodia Lebourg** – É, e ter dado sua entrevista para a gente agora?

**Antônio Luz** – Olha, eu fiquei um pouco surpreendido e muito agradecido mesmo, não só pelo convite, também pelo tratamento e distinção dispensados a mim. Todos, indistintamente. Eu não mereço. Tem certas coisas que a gente acha que é destino: você não merece, mas vem à sua mão. Eu não mereço tanto apreço, esse cuidado e essa atenção toda. Eu sei que é complicado. Eu sou muito agradecido ao grupo e à ferrovia de modo especial por ter determinado essa entrevista. E quero [inaudível] fiquei muito agradecido a todos pela distinção. Não mereço. Eu não tenho nem um filho ferroviário. Tenho um punhado de engenheiro [inaudível]. Quatro engenheiros em casa, nenhum ferroviário. Não é querer ser mais do que os outros, não. Mas é porque... Coincidência. Um fez Engenharia de Minas em Ouro Preto<sup>78</sup>, hoje está trabalhando na Prefeitura de Belo Horizonte – o Newton Reis de Oliveira Luz. Outro, Paulo, trabalha em uma firma [inaudível], começou do nada a firma e é uma grande firma. Esqueci o nome dela agora. O Ivan foi trabalhar na NUCLEBRÁS; era técnico, depois fez Engenharia, tem uma firma aí de informações. Antônio Furquim é técnico, trabalha também na NUCLEBRÁS. E minhas filhas: uma viúva de engenheiro; outra, casada com um ouropretano,

---

<sup>77</sup> Jubileu de Nosso Senhor do Bom Jesus do Matozinhos, em Congonhas do Campo, no mês de setembro.

<sup>78</sup> Universidade Federal de Ouro Preto.

José Turpino, que mexe com mineração de Dom Bosco; outra é casada com um polonês; a outra foi casada com um cara que trabalhava na Paulo Habib, sobrinho do Paulo Habib. Mas eu fiquei muito agradecido e não sei como expressar esse agradecimento, a gratidão pela distinção de todos para comigo. Quero que levem esse agradecimento na faixa extensiva a quem determinou essa entrevista.

**Jason Santa Rosa** – Nós é que agradecemos a presença do senhor.

**Elodia Lebourg** – Obrigada, Senhor Antônio.

**Bernardo Andrade** – Muito obrigado.

**Antônio Luz** – Sim, francamente eu gostaria de ter palavras à altura de agradecer e não tenho...

**[Término da entrevista]**